

Barros de Castro: 'Estou sem referenciais do pensamento econômico'

O professor Antonio Barros de Castro sentou-se, há tempos, à frente do economista Paulo Guedes, no Ibmecc, e desabafou:

— Estou sem referenciais.

Nos últimos anos, suas idéias passaram a ser tachadas de velhas e ultrapassadas. Na economia que Castro aprendeu, bastavam os comandos macroeconômicos do Estado.

Mas nos anos 80, a Inglaterra de Margaret Thatcher havia liderado a onda liberal que apostava suas fichas nas forças do mercado. A onda varreu mundo, privatizou empresas, minguiu o Estado e derrubou muros.

Guedes, como se sabe, sempre teve uma visão liberal da economia, mesmo antes de ser moda. Tinha, naquela conversa, portanto, o sentimento oposto: o de saborear o triunfo de suas idéias.

Semanas depois dessa conversa, o professor Barros de Castro estava andando nos corredores da UFRJ, onde leciona, e um contínuo o chamou:

— O ministro Paulo Haddad

no telefone.

Castro ouviu e aceitou o convite para ser presidente do BNDES. E ao encerrar, o ministro esclareceu:

— Não precisa se preocupar em combinar comigo antes o que vai dizer para a imprensa. Diga o que quiser. Você foi escolhido pelas suas idéias.

A reviravolta no campo das idéias tem sido assunto, há semanas, na imprensa internacional. "Depois do mercado" diz o texto de capa da última "The Economist", mostrando estátuas de Milton Friedman, Adam Smith e Frederick Hayek como sustentáculos de um edifício que começa a ruir. Os três representam os pilares do pensamento liberal.

O que acelerou a retomada do velho debate Estado x Mercado foi principalmente a eleição de Bill Clinton nos Estados Unidos. Durante a campanha, Clinton defendeu a tese de maior participação do Governo na economia, atraindo os eleitores americanos insatisfeitos com a recessão da

era pós-Reagan.

— Numa pesquisa feita entre os eleitores de Clinton, 50% disseram que votaram nele por razões econômicas; 20% por sua proposta na área da previdência e apenas 7% o escolheram por suas idéias de política externa — contou o embaixador brasileiro em Washington, Rubens Ricúpero.

Isto significa que os americanos estão menos preocupados com o Golfo Pérsico e mais com suas próprias aflições. O momento mais oportuno para os democratas, que são tradicionalmente mais intervencionistas.

Com isto, John Maynard Keynes foi reabilitado. O "Financial Times" publicou recentemente um artigo, reproduzido pela "Gazeta Mercantil", cujo título era "Lições perdidas da recessão de Churchill", sobre textos escritos por Keynes e declarações feitas por ele a respeito da crise econômica do pós-guerra e suas propostas.

As idéias de Keynes constituíram, como se sabe, a base teóri-

ca do New Deal de Franklin Roosevelt, que tirou os Estados Unidos da depressão em 1930. A idéia era simples: promover os investimentos públicos em obras de infra-estrutura.

Keynes é tão citado hoje como se sua "Teoria geral" tivesse sido lançada semana passada e não em 1936. Seu biógrafo, Robert Skidelsky, tem sido ouvido e seus livros publicados.

Samuel Brittan, um conceituado analista econômico inglês, que escreveu uma das mais importantes críticas às idéias keynesianas, publicou semana passada texto no "Financial Times", admitindo que existem lições a serem aprendidas em Keynes. Em 1977, foi lançado o livro "As consequências econômicas da democracia", de Brittan.

Será que as idéias keynesianas estão de volta? perguntou O GLOBO ao ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger, quando ele passou por aqui.

— Não nos Estados Unidos. Talvez no Brasil — respondeu imediatamente.